



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria



denominação
Fazenda São Pedro da Jurea

código
AV - FO1 - Pet

localização
Vale das Videiras

município
Petrópolis

época de construção
1850-1890

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
lazer / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fachada principal – sede e antiga tulha

coordenador / data **Francyla Bousquet – dez 2008**
equipe **Maciel Zanette - Priscila Oliveira**
histórico **Adriano Novaes - Francyla Bousquet (dados obtidos do proprietário)**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

O acesso à fazenda é feito pela BR-040, na altura de Araras, onde há sinalização indicativa para o Vale das Videiras. Para os que seguem no sentido Juiz de Fora, tal acesso acontece através de um retorno, já que a entrada para o local em questão encontra-se na pista de descida para o Rio de Janeiro.

A partir do ingresso na indicação junto à estrada principal, atinge-se uma pequena ponte que acessa a RJ-117, caminho para Paty do Alferes, também conhecida como Estrada Bernardo Coutinho, a qual assume, mais à frente, o nome de Estrada Almirante Paulo Meira. Seguindo nesse caminho, praticamente na bifurcação entre a RJ e a Estrada Pedro do Rio – Vale das Videiras, à esquerda, um poste de energia elétrica exibe uma série de tabuletas indicativas, dentre elas a que orienta para o acesso a essa fazenda em particular. Mantendo-se na RJ-117, atravessa-se uma pequena ponte e logo se avista, à direita, a porteira da fazenda.

A Fazenda São Pedro da Jurea situa-se em área que alterna vegetação densa e grandes clareiras, sinal de sucessivas e antigas utilizações, mantendo marcas de erosão em suas encostas. Como o próprio nome da localidade esclarece, trata-se de um vale que se desenvolve entre colinas, estabelecendo um desfiladeiro hoje ocupado por residências, comércio, sítios, fazendas e hotéis que tem acesso pela RJ-117, estrada exígua, em alguns momentos, e bastante íngreme e tortuosa, alternando trechos asfaltados e em terra batida. A fazenda localiza-se a aproximadamente 160 m do centro comercial do Vale das Videiras, estando mais próxima de Paty do Alferes do que de Petrópolis.

O complexo de construções estabelece um conjunto concentrado em centro de terreno gramado, o qual apresenta alguns platôs, cujos níveis aumentam em direção ao fundo da propriedade. As edificações mais antigas alinham-se à frente das demais construções mais contemporâneas. A fazenda é cortada por um rio, ao longo do qual existe um forte declive com densa vegetação ciliar (f01). A transposição entre os dois lados divididos pelo curso d'água ocorre através de pequena ponte de madeira, localizada próxima ao limite principal da estância.

A entrada da fazenda exibe uma alameda arborizada, com piso em placas de pedra entremeadas com grama, cujo eixo tortuoso mostra, ao fundo, a casa-sede (f02). Árvores, flores, arbustos e forrações compõem esse caminho e emolduram as edificações e acessos: todo esse paisagismo, com exceção das árvores de grande porte, é bastante moderno, não remetendo aos tempos da antiga fazenda produtora de café.

Não há indícios do quadrilátero funcional, nem tampouco do terreiro de café. No entanto, a proximidade da tulha com relação à sede permite aventar a hipótese de sua existência anterior. O rio adjacente, que passa no interior da propriedade (f03), provavelmente foi a fonte de força motriz, utilizada na produção gerada pela antiga propriedade. Esse mesmo curso d'água também serviu para a geração de energia da estância - ainda subsiste equipamento pertencente à antiga usina hidrelétrica anteriormente ali existente (ver prancha 1).

O ingresso às margens do rio é possível através de escada com degraus em placas de pedra, posicionada entre a sede e a sala de TV. Vencendo este declive, encontra-se um caminho, ladeado por baixo e extenso muro de pedra, o qual conduz à ponte de madeira que transpõe o rio, ligando os dois lados da fazenda (f04), conforme citado anteriormente.



01



02



03



04

As edificações originais mais facilmente reconhecidas são a casa-sede e a antiga tulha da fazenda. O bloco atualmente considerado como sede, na realidade, é formado pela conjugação da antiga sede – onde hoje estão localizadas as áreas de serviço e de uso comum –, com a antiga tulha – onde atualmente estão alocados os quartos da Fazenda. A união destes dois volumes ocorreu através de um novo bloco, identificado pela ausência de telhamento (f05). A diferenciação deste bloco acrescido foi uma das intervenções promovidas pelo atual proprietário, que eliminou a cobertura ali antes existente (f06), construída em mesmo padrão que as mais antigas, dificultando o reconhecimento dos volumes originais.

A terceira e última construção mais antiga é a pequena edificação lateral à sede, que hoje se presta à Sala de TV: de pequenas dimensões, sem divisões internas, apresenta fachadas marcadas com peças robustas de madeira cortadas à enxó¹, tratamento que descarta a execução contemporânea (f07).

As demais construções existentes – alpendre (f08), depósito (f09) e pergolado (f10), exibem cobertura de telhas francesas, madeiramento estrutural aparelhado e de dimensões mais modestas, além de arcações complementares de concreto, características que as posicionam em época construtiva mais recente.



05



06



07



08



09



10

¹ Instrumento de carpinteiro composto de uma chapa cortante, pregada a um cabo curto. Serve para desbastar a madeira e para retirar todo tipo de ressaltos sobre ela, tornando-a bem lisa. Apesar de sua forma simples, é de difícil manejo. (ALBERNAZ, Maria Paula, LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura – Volume II*. Pro editores. São Paulo, 1998. 359 p. il.)

O primeiro volume ao qual se tem acesso através do caminho de entrada é a sede, uma construção simples em formato de “L”, com porão alto, parcialmente ocupado por dois depósitos, cujas aberturas localizam-se na fachada posterior (f11). O embasamento do volume é revestido com hera, inclusive as laterais do passeio que o contornam. As esquadrias exibem um tipo mais refinado de guarnecimento de vãos: as portas são duplas, do tipo engradadas² (f12); as janelas externas, em caixilhos de vidro liso incolor transparente, abrem-se em sistema de guilhotina, e internamente, em folhas cegas de mesma tipologia das portas (f13).

Uma pequena escada de dois lances opostos leva ao avarandado, protegido por guarda-corpo de madeira recortada, cujo desenho se repete na edificação que abriga a sala de TV (f14). Sua cobertura declara a reforma recente recebida, através das telhas coloniais de modelo comercial atual. Fruto dessas mesmas obras de recuperação é a descontinuidade na água voltada para a fachada principal: os dois espigões encontram-se interrompidos antes da quina do pano de telhamento.



11



12



13



14

² Porta formada por peças de madeira dispostas no sentido horizontal e vertical, constituindo um engradado, cujos vazios são preenchidos por painéis ou almofadas. (...) As almofadas ou painéis possuem menor espessura que as peças do engradado. Foi muito utilizada em antigas edificações e ainda hoje é bastante utilizada. (Idem.)

Analisando fotos atuais e comparando-as com fotos de época, em que a fazenda foi adquirida pelos atuais proprietários, é possível entender que houve uma modificação no telhado da varanda, gerando o perfil do caimento em questão (f15 e 16). Muito embora seja clara a intervenção na cobertura, a estrutura da varanda apresenta peças de madeira com sinais de trabalho à enxó, estrutura de beiral encachorrado³ e forro tipo guarda-pó⁴. Internamente a construção apresenta revestimentos convencionais, como piso em tabuado liso e largo, portas com bandeiras fixas de caixilho de vidro, e forros de madeira com requadro central em saia-e-camisa, esse apresentando ainda moldura e roda-teto com frisos de arremate (f17).

As adaptações à utilização atual foram realizadas de forma bastante criteriosa, com a manutenção dos revestimentos e pés-direitos originais, acrescentando-se apenas os equipamentos necessários (f18).

A edificação da tulha apresenta, basicamente, as mesmas características da sede, exceto pelo porão habitável, possuindo ainda folhas de veneziana acrescentadas às janelas de caixilhos de vidro, marcação vertical da estrutura nas fachadas e frontão em madeira nas duas empenas longitudinais (f19). Nessa construção, as intervenções já ocorreram de forma mais ampla, com substituição dos revestimentos internos, agora modernos, conforme demonstram as fotos identificadas em painel exibido em uma das paredes internas da edificação. Os forros e pisos são em tabuado estreito, e os banheiros já se encontram assentados sobre laje de concreto armado.

O porão é destinado atualmente à utilização como depósito, possuindo, ainda, uma suíte. Seu acesso é feito através de escada interna e de portas que se abrem diretamente do subsolo para o jardim da fachada posterior. Nesta área é possível ver com clareza a estrutura original do piso de madeira da tulha e as áreas de modernização, como é o caso do acréscimo de banheiros, para os quais foram executadas lajes de piso (f20). As espessas paredes periféricas de pedra são revestidas de argamassa, enquanto as internas não apresentam revestimento, mas exibem esteios robustos de madeira (f21). É bastante interessante o trabalho de encaixe entre as peças estruturais de madeira e destas com as alvenarias de pedra de mão.

As alvenarias originais dessa construção são de tijolo maciço, conforme comprova foto da obra na época da última reforma (f22).

As venezianas existentes nas esquadrias da antiga tulha são de padronagem atual, provavelmente acrescentadas para conferir privacidade aos quartos. No entanto, receberam acabamento diferenciado das demais esquadrias – o verniz –, marcando a intervenção recente e tornando clara a divergência da origem (f23).

O frontão apresenta acabamento em reguado de madeira com recortes decorativos ondulados na extremidade inferior, e exibe as iniciais MVS (f24), que se referem ao nome de Manuel Valente dos Santos, antigo proprietário da fazenda em fins do século XIX, conforme data inscrita (1898) junto à epígrafe citada.

A atual sala de TV é a única construção que ainda apresenta telhas coloniais antigas, de formato irregular e com grandes dimensões. Repete a marcação estrutural identificada na antiga tulha, bem como o acabamento no frontão (neste caso, sem epígrafe), e o padrão de guarda-corpo encontrado da antiga sede. Está parcialmente implantada em área de declive: a varanda, projetada em balanço, busca apoio no terreno através de robustas peças de madeira, já aparelhadas. Os vãos de janela apresentam quadros simples de caixilharia de vidro, que se abrem no padrão *maxim-air*, modernas, portanto. Já as portas são de reguado de madeira, de padrão típico de edificações de serviço (f25).



15



16

³ Beiral sustentado por cachorros, que são peças de madeira em balanço, apoiadas no frechal. (Ibidem.)

⁴ Forro de tábuas dispostas de forma a recobrirem apenas o ripamento do telhado, apoiadas sobre caibros e os cachorros do madeiramento, deixando-os à mostra. – ibidem.



17



18



19



20



21



22



23



24



25

A fazenda, atualmente, encontra-se em excelente estado de conservação, fruto de recente reforma e da manutenção periódica promovida pelos atuais proprietários. A obra citada ocorreu na oportunidade em que o local foi adquirido, e, segundo informações, apenas foi recuperado o que lá foi encontrado, operação essa que incluiu a demolição de acréscimos considerados espúrios.

No entanto, alguns pequenos problemas foram identificados nas construções mais antigas. Na casa-sede, especificamente na cozinha, fissuras são percebidas no topo de suas alvenarias, junto ao pergolado (f26 e 27). Estas fissuras sinalizam recalque diferencial nas fundações das edificações¹, que provavelmente são do tipo corrida², constituídas de pedra de mão. Há ainda uma fissura horizontal que percorre quase toda a alvenaria. No entanto, estas patologias aparentam estar estabilizadas, devido às suas pequenas dimensões.

No interior reformado da tulha, o único ponto que inspira algum cuidado é o subsolo, onde se verifica o retorno de água de chuva para o interior do porão e perda de emboço junto a algumas portas de acesso externo (f28 e 29). Os vãos de porta são arrematados, sem desnível com relação ao passeio externo, propiciando a invasão de águas pluviais na construção. A perda de emboço pode ser explicada pela ascensão da umidade acumulada na parte inferior das esquadrias, ou ainda pela movimentação das mesmas em vãos cujas guarnições não estejam engastadas da maneira correta. A sala de TV apresenta amplo ataque de fungos nas telhas e distanciamento entre a alvenaria e as estruturas de madeira, sinalizando movimentação do terreno onde está implantada (f30 e 31).



26



27



28



29



30



31

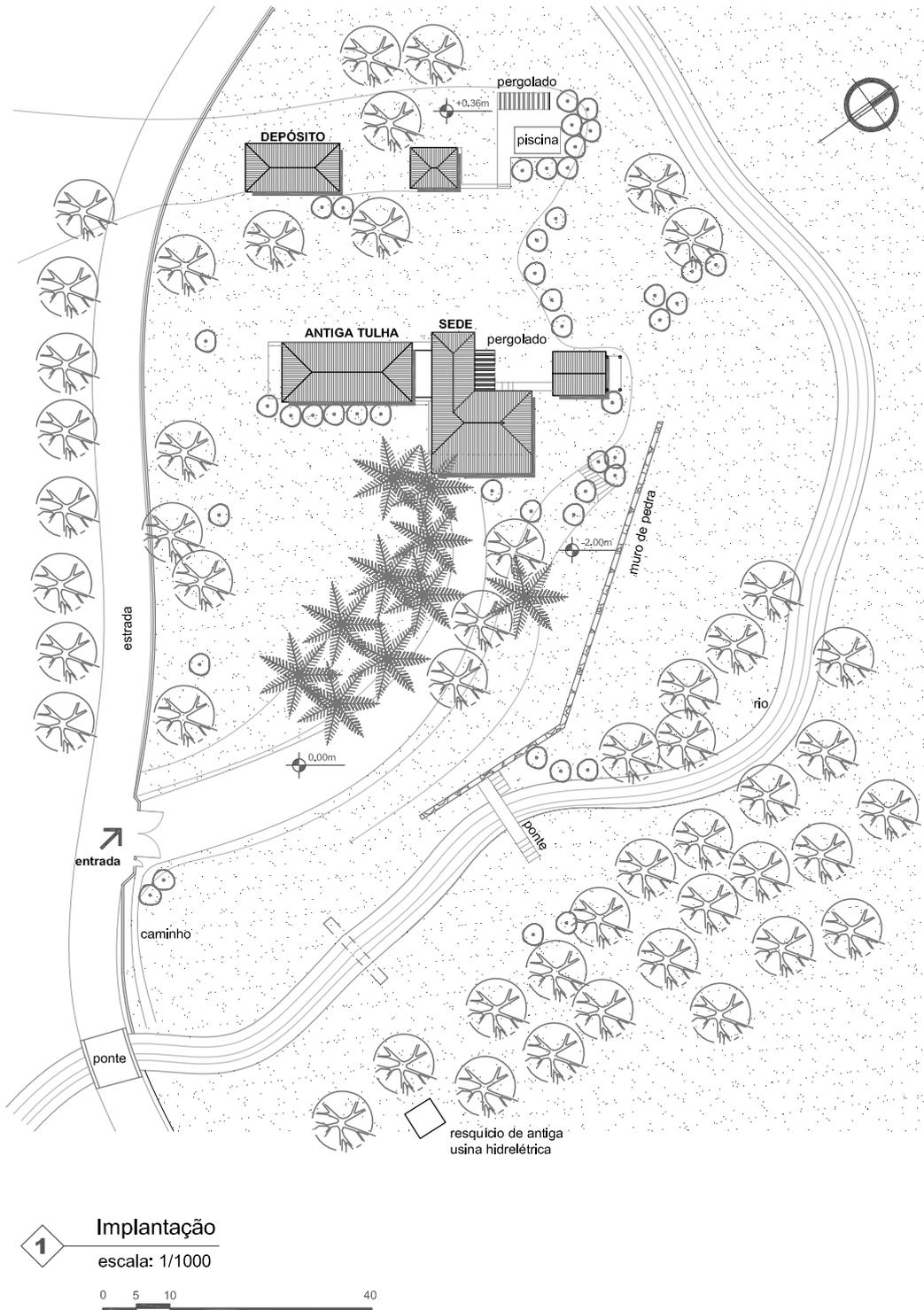
¹Suporte diferenciado de cargas sob o mesmo conjunto de fundações, devido a resistências de terreno diversas. (VERÇOZA, Ênio José. *Patologia das edificações*. Editora Sagra. Porto Alegre, 1991, pg. 14-15.)

² Fundação superficial contínua por elemento construtivo contínuo. (Ibidem.)

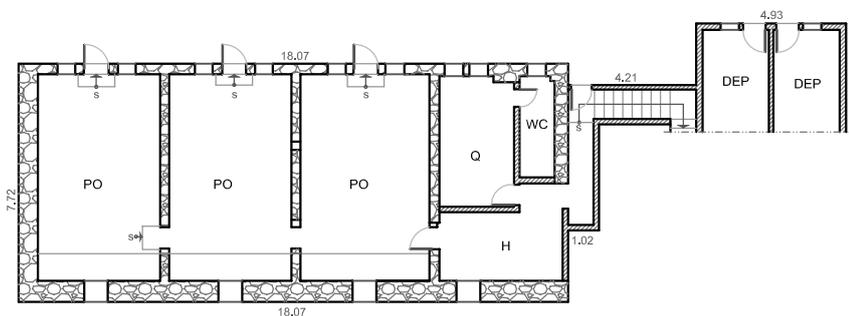
FAZENDA SÃO PEDRO DA JUREA

Observações:

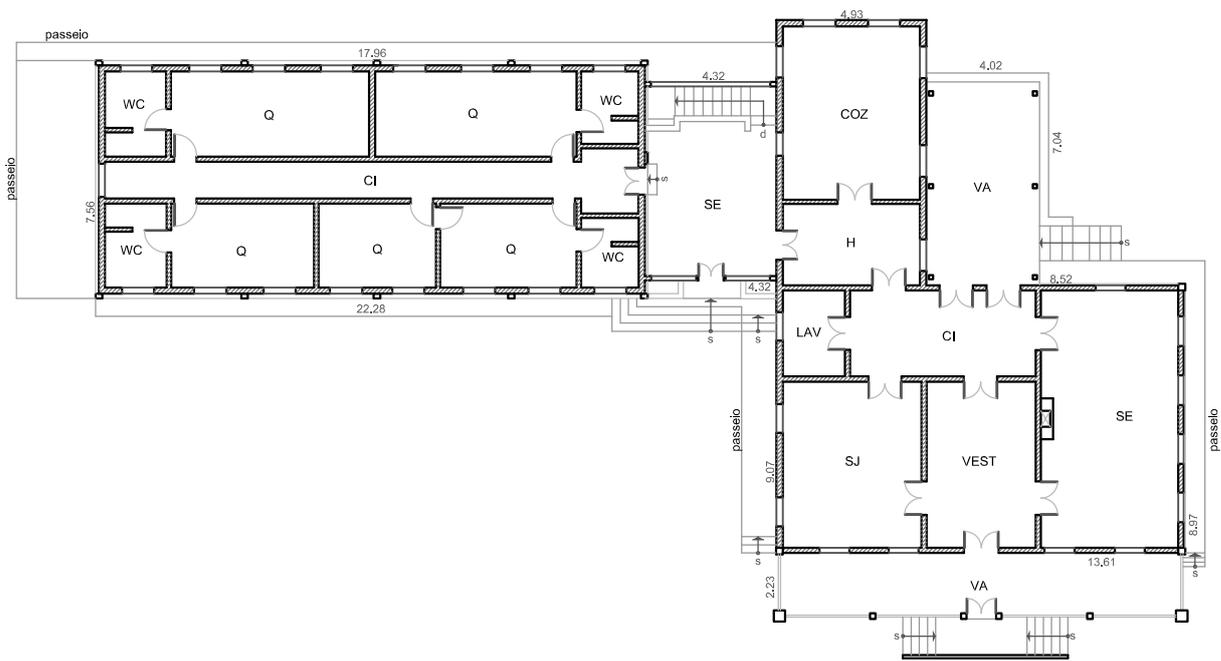
1. O retângulo tracejado no rio, junto à entrada da fazenda, refere-se ao posicionamento de antiga barragem a qual, uma vez fechada, inundava a área frontal do jardim, formando um grande lago. Segundo informa o proprietário atual, muito embora o volume de água do rio em questão seja pequeno, pouco tempo era necessário para o local estivesse repleto d'água.



FAZENDA SÃO PEDRO DA JUREA



2 Planta Baixa do Porão



1 Planta Baixa da Antiga Sede e Tulha
escala: 1/250



CI - circulação	H - hall	PO - porão	SE - sala de estar	VA - varanda	WC - banheiro	alvenaria existente
COZ - cozinha	LAV - lavabo	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VEST - vestíbulo		alvenaria em pedra

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AV - F01 - Pet		2/2
equipe: Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira		desenhista: Maciel Torres Priscila Oliveira	revisão: Francyla Bousquet	data: dez 2008

Desbravada na primeira metade século XVIII, a região do Vale do Rio Fagundes era área de influência do antigo Caminho Novo, aberto por Garcia Rodrigues com finalidade de escoar o ouro extraído de Minas Gerais, ligando o Rio de Janeiro à região mineradora. Inicialmente as fazendas desta região eram fazendas de produção de cereais que abasteciam as vendas e pequenas aldeias e pouso de tropas ao longo do Caminho Novo. Com a expansão da lavoura de café na bacia do Rio Paraíba do Sul, durante o século XIX, não tardou e as pequenas roças de milho, mamona, mandioca e outras, do Vale do Fagundes, foram aos poucos sendo substituídas por extensos cafezais. O clima, bem mais frio do que aquele das áreas próximas do Rio Paraíba do Sul, e as terras, bem escarpadas, desde logo se mostraram pouco propícias à plantação do café.

Em meados do século XIX a fazenda São Pedro, como inicialmente era conhecida, pertencia a Manoel Dias Machado, que a havia comprado dos herdeiros Laureano Martins Ramos, Floriana de Queirós, João Pereira de Queirós e Joaquim Lamego de Oliveira.

Manoel Dias Machado era senhor de uma enorme extensão de terras contíguas às de São Pedro, formada pelas fazendas de Santa Rita, onde residia, Cachoeira, Santa Catarina e mais duas sesmarias, as do “Facão” e “do Malta”. Com exceção da fazenda São Pedro, as demais foram adquiridas através de herança e compra dos herdeiros do sogro, o capitão Carlos de Miranda Jordão¹. A fazenda principal da família Miranda Jordão² era a de Santana (hoje, Sant’Anna do Vale). No senso de terras de 1850, Machado declarou, em 20 de fevereiro de 1856, que a fazenda São Pedro possuía uma área de 1.080 braças de terras de testada, com 1.500 de fundos. Nesta ocasião, a fazenda pertencia à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paty do Alferes, município de Vassouras³.

A singela arquitetura de suas sede é a prova contundente que a fazenda São Pedro funcionou durante anos como fazenda-satélite de uma outra fazenda maior, característica comum nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba. O pouco desenvolvimento da cultura do café nesta região explica também porque as arquiteturas das fazendas mantiveram características coloniais mais modestas do que as demais fazendas da área central do Vale do Paraíba.

A altitude e o clima frio da região estimularam alguns imigrantes italianos, instalados na região em fins do século XIX, a cultivarem a uva, atividade que teria diretamente influenciado o nome do lugar “Vale das Videiras”.

Em 1894, Pedro José Machado e outros, vendem a fazenda São Pedro a Manoel Valente da Silva⁴, que epigrafou as iniciais de seu nome no frontispício da sede (coincidentemente as mesmas do atual proprietário). Nesta ocasião a fazenda era conhecida com “São Pedro da Boa Vista”. Na década de 1920 esta fazenda já era conhecida como São Pedro da Jurea e ainda pertencia a Valente (DEISTER, 2003, vol.V, p.110-11).

Em meados do século XX, Dr. Paulo Tavares foi um dos proprietários da fazenda e teria também trazido italianos e japoneses para a região, na tentativa de introduzir a cultura da uva em terras da fazenda⁵. A ele seria atribuída a construção de uma barragem no rio próximo a sede para atender a uma pequena usina hidroelétrica, hoje inexistente.

Posteriormente, a fazenda foi adquirida por Nelson Bocater, que, juntamente com os donos do Banco Oliveira Roxo, teria reformado a tulha transformando-a em quartos, entre as décadas de 50/60, deixando apenas a sede e alqueire e meio de terra em seu entorno, o que corresponde aos domínios atuais da propriedade.

Desde 23 de abril de 1984, a fazenda São Pedro da Jurea, pertence à família Fernandes Serra, que a adquiriu de Helvecio Fernandes Magalhães Castro, que por sua vez a havia adquirido de Nelson Bocater, em 1 de outubro de 1981.

Um fato histórico ocorrido nas serras próximas a fazenda São Pedro da Jurea, em 11 de novembro de 1838, marcou profundamente a história da escravidão no Vale do Paraíba, a “Revolta de Manuel Congo”⁶.

¹Registro Paroquial de Terras. Propriedade do Manoel Dias Machado. Fazenda Santa Rita. Registro feito em 20 de fevereiro de 1856, no Livro 74, Registro 95. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paty do Alferes, município de Vassouras. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

²Em fins do século XIX a família Miranda Jordão havia formada um sociedade denominada “Viúva Miranda Jordão e Filhos”, cujos domínios rurais se estendiam ao município de Paraíba do Sul. Em 1883 participaram com amostra de café, na Exposição Internacional de Amsterdam onde receberam medalha de ouro, por seus produtos, cujo premio foi conferido pelo júri Internacional das Recompensas aos Produtos do Brasil em Amsterdam, por iniciativa do Centro da Lavoura e Comercio do Rio de Janeiro (apenas seis produtores forma contemplados com a medalha de ouro, sendo todos do Vale do Paraíba).

³As antigas fazendas de café situadas no vale do rio Fagundes, que abrange as localidades de Secretário e Vale das Videiras, até o final do século XIX estavam sob a jurisdição de Paty do Alferes, município de Vassouras. Só foram incorporadas a de Petrópolis somente após a demarcação das terras deste município, em 1892.

⁴Manoel Valente da Silva chegou no “Vale das Videiras” por volta de 1878 quando adquiriu de d. Petronilha Maria de Miranda a importante fazenda Santa Rita, vizinha de Soa Pedro da Jurea.

⁵A primeira referência ao nome “Vale das Videiras” foi encontrada em um mapa apócrifo, datado de 1946. Ele registra a existência de uma estrada de terra interligando Araras a uma região denominada “Vale das Videiras”, passando antes por uma garganta, a 1263m. de altitude, denominada “Garganta da Ponte Funda”, e seguindo depois ao lado de um riacho com o nome de “Ponte Funda”, que passa dentro da Fazenda Santa Catharina e desemboca no “Rio Fagundes”. Segundo tal mapa, a “Garganta da Ponte Funda” seria o montante divisório entre os municípios de Petrópolis e Vassouras”.

⁶No dia 5 de novembro de 1838. Cerca de oitenta escravos da fazenda Freguesia (Atual Arcozelo), pertencente a Manuel Francisco Xavier, grande proprietário da rica região cafeeicultora de Paty do Alferes, aproveitaram a calada da noite para fugir. Uma fuga que revelou uma concentração e organização entre insurretos. Mas ainda havia mais, pois na madrugada seguinte ei-los na outra fazenda do mesmo proprietário, a Maravilha, juntando também a escravaria deste estabelecimento. Os fugitivos agora eram centenas. Talvez 400. Durante dias seguiram pelas matas em direção a Serra de Santa Catarina (Vale das Videiras). Uma fuga em massa como essa, de qualquer forma, era algo incomum e assustador. No dia 8 de novembro, o juiz de paz de Paty do Alferes informava ao coronel-chefe da Guarda Nacional na região, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck (mais tarde barão de Paty do Alferes), pedindo-lhe providências, em prol “da ordem e do sossego público”. Em 48 horas Lacerda Werneck tinha mobilizado uma força de algumas centenas de homens. E lá se embrenhou ele no mato, atrás dos fugitivos. No dia 11 de novembro, às 5 da tarde nas proximidades da fazenda de Santa Catarina, narra Lacerda Werneck, num de seus memorandos, “sentimos golpes de machado e falar gente”. Tinham localizado um primeiro grupo de escravo. Estes se deram conta da presença dos perseguidores, porém. “Fizeram uma linha”, mobilizaram suas armas, “umas de fogo, outras cortantes”, e gritaram: “Atira caboclo, atira iabos”. Lacerda Werneck prossegue: “Este insulto foi seguido de uma descarga que matou dois dos nossos e feriu outros dois. Quão caro lhes custou! Vinte e tantos rolaram pelo morro abaixo à nossa primeira descarga, uns mortos e outros gravemente feridos, então se tornou geral o tiroteio, deram cobardemente costas, largando parte das armas; foram perseguidos e espingardeados em retirada e em completa debandada...” No dia seguinte, mais fugitivos foram apanhados. Ficaram alguns grupos vagando pela floresta de Santa Catarina, de outros não mais se soube, outros ainda voltaram às fazendas. Foram presos os líderes da rebelião, inclusive Manuel Congo, acusado de ser o “rei” do eventual futuro quilombo, e Mariana Crioula a “rainha”. Causou espanto, no processo, a participação desta Mariana na rebelião, ela que era “uma crioula de estimação de dona Francisca Xavier”, isto é, uma escrava doméstica, considerada das mais dóceis e confiáveis. Lacerda Werneck contou que ela só se entregou “a cacete” e gritava: “Morrer sim, entregar não”. Foram indiciados dezesseis fugitivos no processo. Em janeiro de 1839 deu-se o julgamento. Manuel Congo foi condenado à morte, acusado de ser responsável pelas duas mortes ocorridas entre os perseguidores. Oito réus foram absolvidos. Sete foram condenados a “650 açoites a cada um, dados a cinqüenta por dia, na forma da lei”, além do que deviam andar “três anos com gonzo de ferro ao pescoço”. O susto, para a boa sociedade de Vassouras, município o qual Paty do Alferes fazia parte, tinha passado, mas fora grande. Alarmou a província e ecoou pelo Império. Um destacamento do Exército, com cinqüenta homens, chegou a ser enviado da corte a Vassouras. No comando: o tenente-coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias e patrono do Exército brasileiro. O destacamento não precisou atuar, porém. Chegou a 14 de novembro, quando o levante já fora dominado. (Estas informações do artigo de Roberto Pompeu de Toledo, publicados na Revista Veja – Edição 1444 – Ano 29 - 15 de Maio de 1996).